

III – A Angústia de Jacó

Filipe estava sentado numa mesa, sozinho, comendo sem muita vontade. Quando o viu, Nathália fez o possível para não demonstrar nenhuma emoção. Não queria chamar a atenção de ninguém. Simplesmente dirigiu-se até ele e perguntou:

-“Posso me sentar aqui?”

Filipe levantou o rosto, mas não conseguiu responder a pergunta. Se a cena não o tivesse deixado desnortado, teria dado um tremendo abraço em Nathália. Mesmo sendo tímido, a bênção que estava acabando de receber estava acima de qualquer timidez. Porém, antes que ele pudesse fazer qualquer coisa, Nathália o pediu que procurasse disfarçar que a conhecia, pois acreditava que poderiam ter problemas. Filipe afastou-se para que Nathália pudesse sentar. Quando ela sentou, ele deu o abraço mais disfarçado que conseguiu, mas o suficiente para que ela passasse o braço em suas costas e ele gemesse de dor.

-“O que foi?”, perguntou Nathália.

-“Eles sabem que eu sou adventista. Sempre me nego a fazer certas coisas no sábado. Daí, toda vez que acontece alguma notícia ruim e nós levamos a culpa, eu apanho.

Nathália levantou um pouco a camisa de Filipe e pode ver alguns hematomas e ferimentos abertos.

-“Meu Deus. Como é que podem fazer isso com a gente?”

Nathália estava impressionada como o tratamento que Filipe estava recebendo, e, ao mesmo tempo, começou a temer pelo tratamento que ela própria poderia vir a receber, já que estava lá na mesma condição que o amigo. Enquanto examinava as costas de Filipe, Nathália continuou a conversa:

-“Mas, como foi que você chegou aqui?”

Filipe contou sua história:

-“Naquela noite em que a gente saiu da casa de Lucas, fomos parados numa blitz. Um dos policiais pediu os documentos da gente e depois disse que queria falar comigo e Mateus. Eu fui primeiro. Ele me levou para uma sala e ficou me interrogando enquanto o resto do pessoal esperava lá fora. Você sabe.....o processo que minha mãe estava respondendo por causa da escola. A gente não tinha permissão para sair de Recife. Eu só lembro que eu vi pela janela a vã indo embora e me deixando lá. Quando o policial descobriu que os outros tinham fugido, ficou furioso. Disse que minha mãe ia ser presa por descumprimento de ordem judicial e eu ia ficar sob a custódia de algum parente. Só que alguém conseguiu avisar a minha mãe e ela fugiu a tempo. As autoridades lá, desconfiaram que algum parente tivesse escondendo ela. Daí me colocaram aqui.”

-“Mas isso aqui é um centro de recuperação, não deviam bater nos internos.”

-“Mas é o que eles fazem com os internos que não querem se recuperar. Cai na real, Nathália...eles odeiam a gente. Eu sou culpado de tudo o que acontece de ruim no mundo.”

-“O mundo tá de cabeça pra baixo, Filipe, você não tem idéia. Quanto tempo você está aqui?”

-“A mais ou menos quatro meses. Você tem alguma notícia da minha mãe?”

-“Roger tem, mas eu e minha mãe fomos presas antes que ele pudesse nos contar.”

-“E onde ela está?”

-“Tá no Bom Pastor. Tô com muito medo do que podem estar fazendo com ela.”

-“E o resto o pessoal?”

-“Se mais nada de ruim tiver acontecido com ninguém, acho que estão na chácara do tio Cândido em Belo Jardim.”

-“Mas como é que você e sua mãe foram presas?”

-“Eu tô tentando entender até agora, mas isso é uma história longa. Hoje, no banho de sol, às 14h, a gente pode conversar. Deixa eu mudar de mesa agora, não quero que te espanquem de novo.

No horário do banho de sol, Nathália procurou novamente por Filipe. Tinha trazido um pouco de algodão, soro e cicatrizantes que guardara na sua bolsa. Tentou aliviar alguns pequenos sangramentos nas costas do amigo e passar uma pomada nos hematomas. Em seguida, ela lhe contou sobre como havia chegado até ali, depois de ter sido denunciada por um amigo para o qual estava apresentando a mensagem de Deus. Nathália queixou-se. Como poderia ter Deus permitido que algo acontecesse quando ela tentava pregar o evangelho?

-“A culpa não foi de Deus, Nathália” – Filipe falava como se estivesse denunciando a falha da amiga – “foi sua”.

-“Como assim?”. Nathália não podia compreender como poderia ter falhado em cumprir uma ordem dada pelo próprio Cristo.

-“Você não leu direito. Apocalipse vinte e dois, você não leu direito.”

Filipe explicou à amiga sobre o fechamento da porta da graça e como este evento selaria para sempre o destino dos homens. A imposição da guarda do domingo como dia santo, segundo o Espírito de Profecia, seria o sinal de que a porta da graça estaria fechada para sempre. A partir daí, todo ímpio continuaria praticando injustiça e todo justo seguiria praticando a justiça. Ninguém mais se converteria, nem para o bem, nem para o mal. Não haveria mais necessidade de qualquer obra evangelizadora, mesmo porque esta não surtiria efeito algum, já que o Espírito Santo não mais atuaria nos corações dos homens a partir do evento do fechamento da porta da graça.¹

¹ A expressão “Porta da Graça” não é encontrada na Bíblia. Ela é uma denominação usada pela igreja para explicar o conjunto de acontecimentos que se darão, em nosso planeta, quando Jesus terminar sua obra de investigação no Santuário Celestial.

Apocalipse 3:7 e 8: “*Ao anjo da igreja de Filadélfia escreve: Essas coisas diz o santo, o verdadeiro, Aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá. Conheço as tuas obras – eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar – e que tens pouca força, entretanto, guardaste a Minha palavra e não negaste o Meu nome.*”

A passagem acima fala de uma porta, que está aberta, e que somente Deus pode fechar. Ao observar-mos o que está escrito em João 10:9 podemos concluir que a palavra “porta” pode significar “Jesus”. É ele que Deus tem posto diante de nós. Cristo está aberto a todos os pecadores que ainda estão buscando por salvação. Ele ainda estende seus braços de amor e misericórdia, gratuitamente, a todos os que quiserem. Jesus é a porta de entrada para o céu, exatamente como o apóstolo João o descreve. Somente Deus, seu Pai, pode determinar quando Jesus deverá se fechar para o mundo em pecado, cerrando assim a “porta” do céu e retirando as oportunidades para os pecadores se salvarem.

Continuando o nosso estudo, podemos encontrar em Efésios 2:8 o significado de “graça”: ela é um presente, um dom de Deus, pelo qual é dada a salvação aos homens (“*Pela graça sois salvos, mediante a fé.*”). Assim, Se “porta” significa “Jesus” e “graça” significa o “presente de Deus pelo qual é dada a salvação”, então, concluímos que, quando esta “Porta da Graça” se fechar, significa que Jesus não mais disponibilizará sua graça salvadora para os mortais. Aqueles que já estiverem salvos, estarão para sempre selados e aqueles que não se converteram, estarão perdidos para toda a eternidade.

É imprescindível que você entenda que o termo “Porta da Graça” é meramente didático e apenas resume numa expressão o conjunto de acontecimentos que se dará quando Jesus se retirar do Santuário Celestial. Vejamos que acontecimentos serão esses:

1. Jesus sairá do santuário celestial, encerrando o juízo investigativo e terminando a intercessão pela humanidade – O Espírito de Profecia explica que, neste exato momento, Jesus encontra-se no Santuário Celestial fazendo sua obra de investigação dos nossos pecados. Isso significa dizer que a vida inteira de todos os habitantes da terra, desde Adão e Eva até o último bebê que nascer antes da volta de Cristo, está sendo cuidadosamente analisada pelo Mestre, que está verificando todas as chances que foram dadas, todas as investidas feitas pelo Espírito Santo nas vidas dos seres humanos para que estes se voltassem para Deus, e, finalmente, todas as reações e repostas dadas pelas pessoas ao chamado Divino. É importante lembrar que este julgamento é feito não somente com justiça, mas principalmente com amor e misericórdia. Quando Jesus terminar esta “investigação”, os destinos de todos os habitantes da terra estarão decididos e Jesus já terá definido quem está salvo e quem está perdido para sempre. É neste momento que Cristo se levantará do Santuário e decretará o fim de todas as chances de arrependimento. O assunto do juízo investigativo é um tema para um estudo a parte. Não entraremos em detalhes aqui, mas você poderá entender melhor o assunto estudando o versículo 14 de Daniel 8, em livros que tratem deste tema.

No nosso estudo, por enquanto, ficaremos com a cena descrita em Daniel 12:1, primeira parte: “*Nesse tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, o defensor do teu povo (...)*”. Ellen White, em seu “O Grande Conflito”, edição condensada, página 344 também cita este evento: “*(...) Então Jesus cessa sua intercessão no santuário celestial e com grande voz anuncia: ‘Está feito’.*”

2. Haverá comoção no céu – Ellen White novamente descreve de forma única a comoção que haverá no céu, no momento em que Cristo sair do santuário: “*Vi anjos indo aceleradamente de um lado para o outro no Céu. Um anjo como um tinteiro de escrivão ao lado voltou da Terra, e referiu a Jesus que sua obra estava feita, e os anjos estavam numerados e selados. Então vi Jesus, que havia estado a ministrar diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos com grande voz e disse: ‘Está feito.’ E toda a hoste angélica tirou suas coroas (...)*” (História da Redenção, páginas 402/405).

3. O justo continua justo e o ímpio continua ímpio – Quando Jesus se retirar do Santuário e encerrar o juízo investigativo, toda a alma estará com seu destino selado, ninguém mais se converterá para o bem ou para o mal, exatamente como descrito em Apocalipse 22:11: “*Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.*”

4. O Espírito Santo se retira da Terra – Gênesis 6:3, primeira parte: “*Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem, pois este também é carne (...)*”. Como podemos ver, desde os primórdios do nosso planeta, Deus já havia decretado o dia em que o Espírito Santo seria enviado como substituto de Jesus e o dia exato em que ele se retiraria da Terra. Sua obra no coração dos homens se encerrará no momento em que Cristo encerrar o juízo investigativo no Santuário. Quando isto acontecer, o Espírito Santo deixará de atuar no coração dos homens, deixará de consolar a humanidade, de convencer as pessoas de seus pecados e de impressionar os corações dos humanos para o bem. O mundo, então, estará entregue à própria sorte, conforme descrito por Ellen White no Grande Conflito, edição condensada, pág. 345: “*O Espírito de Deus foi por fim retirado. Satanás então mergulhará os habitantes da Terra em uma grande angústia final.*”

5. Haverá fome da palavra de Deus – Este aspecto será estudado separadamente, mais adiante, neste mesmo capítulo.

7. Haverá um decreto dominical - Este decreto tem a ver com o “selo de Deus” e o “selo da besta” que serão estudados mais detalhadamente no capítulo seguinte. Porém, para que você entenda o que é o decreto dominical, é preciso que saiba que o selo de Deus é o sábado, e o selo da besta é o domingo (o contrário do selo de Deus). Ellen White explica: “*Como o sábado se tornou ponto especial de controvérsia por toda a cristandade, insistir-se-á em que os poucos que se acham em oposição à Igreja e ao Estado não devam ser tolerados, de que é melhor que eles sofram do que toda a nação ser jogada em confusão e ilegalidade (...). este argumento parecerá convincente; finalmente, será expedido um decreto contra todos os que santificam o quarto mandamento, denunciando-os e concedendo liberdade para, depois de um tempo, matá-los.*” A descrição da serva do Senhor é confirmada pelo texto bíblico de Apocalipse 13: 17: “*Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número de seu nome.*” Como você pode perceber, haverá mesmo um decreto de lei, que jogará os guardadores do sábado na ilegalidade, os impedirá de comprar e vender e, por fim, determinará a sua morte. Os detalhes sobre o sinal, o nome e o número do nome da besta você verá no próximo capítulo. É importante esclarecer que o termo “decreto dominical” é encontrado apenas no Espírito de Profecia.

8. Haverá um tempo de angústia e uma perseguição aos cristãos – No primeiro tópico desta nota, pudemos ler a primeira parte de Daniel 12:1, em que Cristo (Miguel) se levanta para finalizar a sua obra

Quando Filipe concluiu sua explanação, Nathália estava extremamente constrangida e sentindo-se culpada por ter causado todo aquele sofrimento a si e à sua mãe. Se tivesse lido a bíblia com maior cuidado, durante os tempos de liberdade, não teria cometido aquele erro fatal. Não teria tentado evangelizar pessoas que já estavam com seus destinos selados e, conseqüentemente, não teria sido delatada. Porém, agora ela via como Deus tinha guiado a situação e achado uma solução para o problema criado por ela. A presença de Nathália no centro veio renovar as forças de Filipe, que já estava no limite de sua capacidade de suportar o sofrimento.

Os dias se arrastavam no centro de recuperação de menores e nada de novo parecia acontecer. Porém, num lugar muito longe da Terra, onde o Pai de todos os viventes administrava com maestria os últimos acontecimentos do planeta, uma decisão terrível estava para ser tomada.

Naquele tempo, Deus levantou-se de seu trono e ordenou que os quatro anjos que seguravam os quatro ventos da terra os soltassem². Era o início da grande angústia de Jacó. As guerras no Oriente se tornaram mais intensas, a violência nas grandes cidades aumentou consideravelmente, em pouco tempo, e em escala

no santuário. Agora, transcreveremos a segunda parte do texto, que descreve os acontecimentos que se darão após este fato: “(...) e haverá tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro.” Este tempo terá início com a retirada do Espírito Santo da Terra. Ellen White faz uma descrição assustadora deste período: “Deixando ele o santuário, as trevas cobrem os habitantes da Terra. Os justos deverão viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Removeu-se a restrição que estivera sobre os ímpios, e Satanás assume completo domínio sobre o impenitente. O Espírito de Deus foi por fim retirado. Satanás mergulhará os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Os anjos de Deus deixam de conter os ventos impetuosos da paixão humana. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio a Jerusalém na antiguidade. Há agora forças preparadas, e que aguardam apenas o consentimento Divino para espalharem a desolação por toda parte.

Os que honram a lei de Deus serão considerados como a causa da terrível contenda e carnificina que enchem a terra de pavor. O poder que acompanha a última advertência enraivece os ímpios, e Satanás excitará o espírito de ódio e perseguição contra todos os que receberam a mensagem.”

Com o Espírito Santo fora da Terra, as forças celestiais que equilibravam o bem e o mal são retiradas, e o mal tem permissão para imperar plenamente sobre os ímpios e sobre o planeta em pecado. Os cristãos verdadeiros serão perseguidos - exatamente como descrito no primeiro e segundo capítulos de nosso estudo - pelas duas bestas (o poder religioso e o poder político) unidas. Porém, o próprio texto de Daniel 12, que fala da angústia e da perseguição, também fala que Deus livrará o seu povo. Assim, podemos estar confiantes de que, naquela época, mesmo sofrendo perseguições e estando angustiados, ainda assim Deus agirá por nós, e de forma poderosa. Este período de angústia é conhecido como “Angústia de Jacó”. Falaremos mais adiante sobre ele.

² Apocalipse 7:1: “E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.”

A bíblia, no trecho acima, fala de quatro anjos, nos quatro cantos da terra, segurando quatro ventos. Obviamente esta linguagem é figurada. Você bem sabe que a terra é oval, não tem quatro cantos. Porém, é certo que ela possui quatro pontos cardeais: leste, oeste, norte e sul. Os anjos vistos por João, ao receber a revelação do Apocalipse, estavam nestes pontos cardeais. “Vento”, em profecia, significa “guerras”, “desastres” (veja na nossa tabela profética, no primeiro capítulo). Ora, Deus ainda está mantendo o equilíbrio nos pontos cardeais da terra e impedindo que a destruição ocorra. Ele assim o faz porque seu filho Jesus ainda não terminou o trabalho de investigação de nossas vidas e expiação dos nossos pecados. Os santos de Deus ainda não estão selados. Por isso a misericórdia de Deus ainda está disponível. Porém, quando Jesus sair do santuário e a porta da graça se fechar, Deus dará ordem para que os anjos parem de conter as guerras e desastres do mundo e elas virão sobre os ímpios, e somente sobre os ímpios. As duas grandes provas que cairão sobre o povo de Deus serão a perseguição dos ímpios, a qual estamos estudando desde o primeiro capítulo, e a grande “Angústia de Jacó”, que estudaremos ainda neste capítulo. As guerras e os desastres que sobrevirão em conseqüência da ira de Deus, cairão sobre aqueles que não estão selados com o selo do Salvador.

assustadora. A natureza parecia castigar os habitantes da terra com cada vez mais desastres naturais, tais como furacões, terremotos, dentre outros, e a população clamava por uma atitude dos líderes mundiais, especialmente aqueles ligados à aliança da igreja romana com a Organização das Nações Unidas.

Na chácara de Belo Jardim, a situação tinha chegado num limiar quase insuportável. A comida era pouca, pois a quantidade de pessoas tinha aumentado com a chegada dos pais dos meninos. Os habitantes ocasionais daquela casa, tinham que racionar o alimento, pois a produção de verduras e frutas no quintal, minguava mais e mais.

No resto do mundo, a situação só piorava com o passar dos meses. Os ataques terroristas tiveram o acréscimo do aumento da criminalidade. Para conter a onda de crimes e de caos que se instalou no mundo, várias nações – dentre elas, o Brasil - aprovaram uma medida que restringia os direitos individuais dos cidadãos e permitia que a polícia usasse a força física na repressão contra os revoltosos. Recursos desumanos - como a tortura e o castigo físico – passaram a ser aceitos. Para os cristãos refugiados em Belo Jardim, descer à cidade estava cada vez mais perigoso, e não havia quem comprasse fósforos, remédios, etc. Pela TV, e por um pequeno rádio, os adolescentes escutavam todos os dias as notícias de prisões de amigos adventistas e de confrontos entre criminosos e a polícia. Os adventistas tinham sido nivelados por baixo. Não existia mais diferenciação entre tipos de criminosos – terroristas, assassinos, ladrões ou traficantes – todos eram iguais. Existiam apenas dois grandes grupos: os que eram contra o Estatuto das Nações e os que eram a favor dele. Para aqueles que eram contra, não importava o motivo, somente lhes era reservado repressão e punição.

Como mesmo as medidas mais extremas não davam conta da diminuição da violência, os líderes religiosos começaram a pressionar os líderes políticos para que estes determinassem a sentença de morte para aqueles que descumprissem os preceitos do Estatuto das Nações. A idéia de uma pena de morte, que antes parecia tão absurda para países como o Brasil, agora aparentava ser a única saída para um mundo que conviviam mais e mais com os desastres e com os assassinatos em massa.

As cadeias já estavam lotadas de guardadores do sábado e a cada dia aparecia mais. Os cristãos verdadeiros eram considerados como uma praga, segundo os líderes do povo, e não importasse o quanto fossem ameaçados, continuavam a professar a sua fé insistentemente.

O sofrimento causado pela fome e pela separação de seus entes queridos vinha assaltar os cristãos reunidos na chácara de Belo Jardim. Lá, o tempo parecia ter parado. Eles conferiam atordoados, pelo noticiário, a revolta contra os cristãos crescendo, mas Deus não enviava sinais de que sua volta estava próxima. Simplesmente não havia nenhum livramento mais, nenhuma providência milagrosa de comida, nenhuma notícia dos que haviam ficado na cidade. Os adolescentes e seus pais estavam sós naquele lugar e aparentemente entregues à própria sorte. Para aumentar ainda mais o temor, a bíblia lida e relida insistentemente todos os dias, quase que o dia inteiro, já não possuía mais o mesmo efeito confortador sobre os demais. Agora, suas promessas e histórias dos feitos de Deus, pareciam uma mal contada ficção diante do quadro que estavam vivendo.

Mateus Ramgund orava a Deus o tempo todo. Numa noite de sexta-feira, chegou a passar quase uma hora trancado num quarto implorando que o Senhor lhe enviasse notícias de sua mãe e irmão, ou lhe mostrasse algo na bíblia que reanimasse sua fé, mas nada lhe foi mostrado. Ele terminou por ser vencido pelo cansaço. Saiu do quarto em visível estado de confusão emocional, pois o pensamento que mais lhe assaltava a mente era o de que Deus havia abandonado sua mãe e irmão. Mateus tinha

visto o livramento que ocorrera na blitz em que foram parados e ouvira a história da providência Divina para Eg e Roger. Se tais milagres não tinham vindo em providência de sua família – ele pensava - certamente Deus os havia deixado fora do livro da vida³. Aquele pensamento o perturbava o tempo inteiro e ele não conseguia se desvencilhar nem sequer do terror de ver a si mesmo perdido por não ter ouvido a voz de Deus a tempo.

Entre os adolescentes, a desconfiança para com Denisson era tanta, que a maioria dos amigos havia cortado a comunicação com ele. Sozinho, Denisson só tinha os pais, Denise e Jasson, para conversar. Ele nunca poderia ter calculado que a decisão de esconder sua bíblia fosse lhe trazer tamanhos problemas, mas continuava firme e estranhamente sereno na certeza de que havia feito a escolha mais correta.

Luiza e Eg tinham muito medo de que Lucas estivesse perdido para sempre. Deus prometera o livramento para o seu povo no tempo de angústia, e se tal livramento não havia chegado a tempo de curar Lucas, elas concluíam que era porque ele poderia estar imerso na maldição que cairia sobre os adoradores da besta.

As notícias de livramentos eram de longe, nada que fosse reconhecidamente do céu recaía sobre aquele pequeno grupo na chácara de Belo Jardim.

Atormentada pela possibilidade de não ter confessado todos os seus pecados, Gabriela passou a jejuar escondida da mãe. O pouco de comida que lhe

³ Daniel 7:9 e 10: *“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou, e o seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a lã; o seu trono chamava de fogo e as rodas dele fogo ardente.*

Um rio de fogo manava e saía diante dele, milhares e milhares o serviam, milhões e milhões estavam diante dele, assentou-se o juiz e abriram-se os livros.”

A cena acima, descrita por Daniel, é a cena de um julgamento. Neste julgamento, o juiz é claramente chamado Ancião de Dias. Sabemos que, em profecia, a figura indicada como o Juiz soberano é o próprio Deus. A majestade dos detalhes das vestes, cabelo e trono deste juiz confirmam que se trata do Deus todo poderoso. Ele dará início ao julgamento dos povos da terra, e, para isso, abre os livros. Ora, que livros seriam estes?

Na verdade, não se pode saber se haverão livros, no sentido literal da palavra, no julgamento, já que a maior parte dos textos de Apocalipse e de Daniel não podem ser entendidos ao pé da letra. Porém, sabe-se que haverá algum tipo de registro. Vejamos que registros são estes:

1. **Livro da Vida** – Apocalipse 21:27: *“E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira, mas só aqueles que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro.”* Observamos que haverá, segundo este texto, um livro da vida, e somente entrará na Canaã celestial, aqueles cujos nomes estiverem neste livro. Para o que mais serve este livro?

Apocalipse 20:12: *“E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”.*

Neste trecho, a bíblia fala que abriram-se os livros, e um outro livro, o da vida. Se o apocalipse se refere ao livro da vida como “um outro livro”, logicamente, antes dele, ainda havia um primeiro livro: o da morte. E vimos que estes livros foram abertos para que os mortos fossem julgados pelas coisas escritas nos livros, ou seja, pelo registro de suas obras.

2. **Livro da Morte** – Eis a importância de se entender que a palavra “livro” não possui sentido literal neste texto. Ela quer dizer apenas que há um registro no céu de todas as nossas boas e más obras. A bíblia, apesar de não citar o termo “Livro da Morte”, refere-se ao livro da vida como “o outro livro”, e diz claramente que também haverá um outro tipo de registro além do livro da vida. Ora, se no livro da vida estarão os nomes daqueles que entrarão na Nova Jerusalém, junto com suas obras, o que poderia estar registrado no registro da morte? A resposta pode ser encontrada em Jeremias 2:22: *“Pelo que, ainda que te laves com salitre, e amontoes sabão, a tua iniquidade está gravada diante de mim, diz o Senhor Jeová.”*

Há todo um contexto em volta destes livros. É bem verdade que eles serão abertos no momento certo do julgamento final. Não entraremos em detalhes sobre este julgamento, porém, é preciso que você saiba que haverão dois registros no céu, depois que Cristo terminar seu juízo investigativo: um conterà o nome dos justos de Deus, e suas obras, o outro, conterà a lista dos ímpios, com suas respectivas obras.

chegava às mãos, ela entregava à amiga Luiza. Numa noite, Gabi – como era chamada pelos amigos - saiu escondida, enquanto todos jantavam na sala. Ela começou a caminhar sem rumo, no meio do nada que cercava a chácara de Belo Jardim. Seguiu por uma pequena estrada de barro e se distanciou muito da casa onde estavam todos. Depois de caminhar por mais ou menos vinte minutos, avistou uma pequena casa, na decida de uma colina. Estava escuro e Gabi achou que não correria o risco de ser vista. Fosse em outra situação, ela jamais teria se distanciado sozinha, mas a fome e a dor psicológica estavam anuviando seu discernimento. Ela aproximou-se da casa o suficiente para ler uma inscrição na porta: “Nesta casa, nós servimos ao Senhor”. Aparentemente ali morava uma família cristã. Gabi deu a volta e observou pela janela a família à mesa. Havia fartura de alimentos. Ela identificou a mãe, um filho adolescente e uma filha que beirava os quatro anos de idade. A mãe estava colocando o jantar à mesa. Gabi ficou ali, perdida por alguns minutos, lembrando de como era sua casa em Recife. Porém, suas doces memórias eram intercaladas pela lembrança de uma pergunta que não conseguia responder: se Deus estava abençoando aquela família, porque não estaria ele abençoando à sua também? “Talvez nós estejamos todos perdidos”, ponderava Gabi. Ela ficou como que hipnotizada pela cena que observava pela janela daquele lar desconhecido. De repente começou a raciocinar que talvez pudesse pedir ajuda àquelas pessoas. Se elas serviam a Deus, certamente não iriam denunciá-la. Pensando desta forma, Gabi foi se aproximando da porta, estendendo seu braço para abri-la, quando foi interrompida por uma mão forte que tapou sua boca e a puxou dali. Gabriela gritou.

-“Cala a boca Gabriela, por favor, se controle.”

Igor a puxou para um lugar escondido e mais longe da casa. Gabriela não parava de chorar abraçada ao amigo. Ela repetia sem parar:

-“Eles servem a Deus, na casa deles tem comida, nós vamos morrer de fome, Igor, Deus está nos castigando, porque não confessamos nossos pecados.”

Igor limpou as lágrimas do rosto da amiga e a trouxe de volta pra casa. Ao chegarem, encontraram todos reunidos na sala orando de mãos dadas. Igor e Gabi se juntaram a eles.

Naqueles tempos, a única coisa que os crentes tinham para se valer era uma promessa, feita numa época longínqua e totalmente diferente daqueles dias, de que Deus voltaria para buscar os seus, e que Ele não os desampararia quando passassem pelas prova finais. Nenhum sinal era mandado, nenhuma revelação, nenhum sentimento de paz. Os cristãos na chácara só tinham para si o medo, a fome, a dúvida e a promessa.

No final da oração, Denisson procurou Jefferson. Queria pedir desculpas por ter escondido a bíblia, mas ele não quis ouvir. A essa altura, nem mesmo o próprio Denisson sabia se era culpado ou inocente.

No centro de reabilitação, Filipe lutava contra si mesmo. O pensamento que mais ocorria à sua mente era o de desistência. Raciocinava que muito provavelmente estava perdido e que talvez fosse melhor aproveitar em liberdade os dias até a volta de Cristo do que passar por todo o sofrimento que estava suportando. A noite passada tinha dado prova disso. Filipe fora acordado, por volta de duas da madrugada, com um banho de água fria dado por alguns jovens marginais do centro. Ele despertou assustado, mas os companheiros de cela o seguraram pelos braços e pernas com força o suficiente para imobilizá-lo. Quando ele desistiu de tentar se soltar, percebeu que alguns outros garotos estavam puxando fios desencapados, ligados à rede elétrica. Filipe já antevia o que estava por vir. Debateu-se o quanto pode para tentar se soltar, mas era em vão. Os rapazes começaram a lhe aplicar os fios desencapados. Os choques queimavam sua pele. Filipe sabia porque havia sido vítima daquela maldade. Dois dias antes, o centro havia recebido a visita de um representante da igreja romana. Filipe se recusou a

receber a bênção do clérigo. O oficial de plantão, então, encontrou uma maneira eficaz de forçar Filipe a abandonar sua fé. Anunciou aos detentos que todos ficariam sem jantar se Filipe não fosse ter com a autoridade religiosa e aceitasse a bênção. Conquanto ele permaneceu firme em sua decisão, o guarda realmente cumpriu o prometido, como forma de insuflar o ódio dos detentos contra Filipe e, assim, fazer com que ele repensasse sua intransigência com relação à sua fé. Filipe começou a orar desde o momento em que levou o primeiro choque, mas o livramento só veio depois de quinze minutos, quando um dos monitores achou que era hora de intervir, pois a brincadeira já passava dos limites.

Na manhã seguinte, ele não conseguia se desvencilhar das horríveis lembranças dos choques. Nathália orava com ele dia e noite, e insistia para que eles orassem mesmo estando separados, mas naquele dia, Filipe não tinha reação, não tinha fome nem vontade de orar. Contudo, ele ainda assim se esforçava para manter sua comunhão com Deus viva. Era um dia especial. Domingo. O Centro estava recebendo a visita de uma instituição de caridade. Eles levavam música, palestras e mensagens positivas para os internos, mas ninguém queria chegar perto de Filipe. Ele era perigoso demais para que as pessoas se aproximassem. Absorto em seus pensamentos, Filipe não percebeu um vulto que se aproximava. Uma senhora baixinha, de cabelos pretos, curtos como os de homem, suja e mal vestida colocou-se em frente dele. Quando viu a sombra, Filipe levantou a cabeça par ver do que se tratava.

Naquele momento, o tempo pareceu parar para Filipe. As vozes diminuíram e, por alguns segundos, ele só prestou atenção à presença daquela mulher na sua frente. Sua mãe.

-“Fique onde está.” - ela pediu – “Não faça nada. Ninguém sabe que eu estou aqui. Pensam que eu faço parte do grupo de caridade.”

Filipe queria explodir naquele momento, mas concentrou tudo o que sentiu nas poucas lágrimas que derramou. Agora ele percebia. Deus estava vivo e havia mandado a sua mãe ao seu encontro.

Denise explicou o que havia acontecido com ela:

-“Eu estive escondida. Vivendo como mendiga. Procurei você em toda parte, meu filho, pra saber se você ainda serve ao Deus que eu te ensinei a honrar.”

-“Por todos os dias da minha vida até agora, mas eu estou perdido, mãe. Deus me abandonou.”

-“Deus ainda não derramou sua ira sobre os ímpios, meu filho. É preciso esperar um pouco mais de mais de tempo. Mas se eu morresse agora, morreria na esperança daquele dia, porque hoje eu cheguei aqui e te encontrei orando.”

-“Eu não sei se meus pecados foram perdoados, mãe.”

Denise balançou a cabeça negativamente.

-“Eu não sei nem se os meus foram.....agora eu preciso ir. Vou tentar vir mais vezes aqui. Eu amo você. Continue na fé.”

Denise não abraçou nem beijou o filho. Simplesmente foi se retirando até sumir da vista de Filipe. Nathália, que observara a cena de longe, correu e abraçou o amigo, da maneira mais forte que conseguiu.

-“Era minha mãe.”, disse Filipe.

-“Eu sei” - respondeu Nathália – “eu sei.”

Alguns meses mais haviam se passado. Na chácara de Belo jardim, o clima tinha atingido seu estado crítico. Deus não se manifestava já havia algumas semanas. As pessoas ali não estavam certas do perdão de seus pecados, mas mesmo assim o clima de oração era constante. Naqueles dias, Rute caiu doente por conta da situação precária em que estava vivendo e pela falta de remédios para a sua diabete. Aqueles eram dias

estranhos. Os céus estavam agitados, viam-se ventos como que vultos pra baixo e pra cima. O noticiário no rádio havia identificado estranhas agitações das águas marítimas e vários pequenos terremotos nos últimos dois dias. As noites, inclusive, estavam mais escuras do que de costume.

Era por volta de onze horas da noite. Na sala, Mateus Ramgund estava deitado no chão, olhando para o teto, quando Juninho deitou do lado dele.

-Estava aqui pensando que orar não tem adiantado muito." – disse Mateus – "Deus parece estar mudo a algum tempo."

Juninho passou a explicar para Mateus que eles estavam passando pelo tempo da "Angústia de Jacó"⁴ e disse que a oração era o único meio de contato com

⁴ No momento em que Cristo terminar o juízo investigativo, e se retirar do santuário, ele dará ordem para que as guerras e desastres da terra ("ventos", como nós estudamos um pouco antes) sejam soltos no nosso planeta. A partir daí, o Espírito Santo terá se retirado da Terra e Deus não mais agirá com misericórdia sobre os ímpios. É chegada a grande "Angústia de Jacó".

Jeremias 30: 5 a 7: *"Porque assim diz o Senhor: ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz. Perguntai, pois, e vede, se um homem tem dores de parto. Porque pois vejo a cada homem com as mãos sobre os lombos como a que está dando a luz? E porque se teem tornado macilentos todos os rostos? Ah! Porque aquele dia é tão grande que não houve semelhante! E é tempo de angústia para Jacó; ele porém será livrado dela."*

O texto se refere a um tempo em que haverá dor tão grande, que até os homens mais valentes se contorcerão de dor, como se estivessem por dar a luz. E compara esta angústia à angústia sentida por Jacó.

Jacó passou sua vida inteira sendo atormentado pelos pecados que cometera contra seu irmão Esaú, ao comprar dele a primogenitura, e ainda roubar-lhe a bênção de seu pai. Muito tempo depois, Jacó recebe a mensagem de que Esaú estaria vindo ao seu encontro. Com medo, Jacó manda sua família fugir e fica a sós para orar. É neste momento que um estranho aparece e começa lutar com Jacó. Já exausto, depois de muito digladiar com aquele ser, que pensava ser seu irmão, Jacó sente um tremenda dor na coxa, ao ser tocado pelo seu "adversário". É quando Jacó percebe que não estava lutando com Esaú, mas sim com um representante de Deus. Muito embora a história tenha tido um final feliz, não podemos duvidar que Jacó sentiu momentos de inigualável angústia ao lutar com aquele ser. A angústia que o povo de Deus sentirá no fim dos tempos, é comparada a esta angústia de Jacó. Eis o contexto deste período.

1. Deus terá retirado sua proteção a este mundo.

2. O Espírito Santo terá se retirado da Terra.

3. A palavra de Deus será procurada de norte a sul sem poder ser encontrada – Podemos encontrar esta profecia relatada em Amós 8:11 a 13: *"Virão dias, diz o Senhor Jeová, em que enviarei fome sobre a terra, não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir a palavra do Senhor. Andarão errantes de um mar a outro, vaguearão de norte ao oriente; correrão por toda parte buscando a palavra do Senhor, mas não a encontrarão. Naqueles dias, desfalecerão de sede as belas jovens e os moços."*

O Pastor Luiz Gonçalves explica este texto da seguinte forma: O Espírito Santo é quem toca no coração das pessoas para que elas sejam atingidas pela palavra de Deus. Como o Espírito do Senhor terá se retirado da terra, Ele não mais impressionará as mentes humanas para entender e sentir o que Deus está dizendo através da bíblia. Por isso, as pessoas sentirão necessidade de saber mais sobre Deus, mas, mesmo que consigam ler alguma bíblia, infelizmente não sentirão o toque o Espírito Santo.

Como se pode ver, o período da angústia de Jacó é um momento extremamente difícil para o povo de Deus. Não haverá sinais de atuação divina, as orações dos crentes irão parecer que não estão sendo ouvidas e o maior medo de todos virá à tona: o de não estarem salvos. De não terem sido selados com o selo de Deus. Esta será a maior angústia – diz Ellen White – pela qual iremos passar. A serva do Senhor bem descreve este momento, em "O Grande Conflito", edição condensada, página 351/352: *"Todavia, a angústia que o povo de Deus sofre não é o medo da perseguição. Receiam que, em virtude de alguma falta em si mesmos não se cumpra a promessa do Salvador: 'Eu os guardarei no tempo da aflição que virá sobre o mundo inteiro'. (...) O tempo de agonia e angústia diante de nós exigirá uma fé que possa suportar o cansaço, a demora e a fome – uma fé que não desfaleça, ainda que severamente provada. (...) A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova. Naquele tempo de provação, toda alma terá de estar em pé, por si mesma, diante de Deus."*

Porém, ao passo que nos apresenta este quadro terrível, a profetiza também nos confronta com a promessa Divina para aqueles dias: *"A história de Jacó é também uma segurança de que Deus não lançará fora aqueles que, arrastados pelo pecado, se voltam a ele com verdadeiro arrependimento. Deus enviará Seus*

Deus nesta época. Porém, mesmo em constante contato com o Pai Celestial, todos os cristãos teriam a impressão de que não estavam sendo atendidos, pois o Espírito de Deus não mais atuaria nos corações dos homens. Mateus contou que se sentia completamente impotente diante das coisas que estavam acontecendo e, lembrando-se de seus pecados, não vislumbrava probabilidades de estar salvo.

-“Eu oro e peço a Deus, mas não acontece nada que me faça ver que ele está comigo”, dizia ele.

A conversa foi interrompida por um grito de Gabriela, vindo do jardim, onde ela estava sentada olhando o horizonte. Quando Juninho e Mateus correram para ver o que era, a encontraram em pé, junto com outros adolescentes que também correram para ver o motivo do grito, todos olhando para a incrível cena ao longe, no horizonte.

Havia um clarão no céu, semelhante ao de várias explosões ocorrendo ao mesmo tempo. Aquelas explosões eram sempre contínuas e cada vez maiores. Todos ficaram ali por mais ou menos dez minutos observando a cena e entreolhando-se como que buscando respostas para o que poderia ser aquelas explosões. A visão, a partir daí, começou a tomar proporções mais espetaculares. Era a vista mais incrível que já tinham visto em suas vidas. Criaturas como que anjos saíam de dentro das explosões. Centenas delas. Tinham trombetas nas mãos e anunciavam com toques de clarins a chegada de um ser maior. Não lhes era possível distinguir qualquer melodia, mas o brilho daquela cena era tão intenso que ela podia ser vista a quilômetros de onde estava acontecendo. Todos na chácara estavam maravilhados, mesmo olhando de muito longe.

Depois de algum tempo, em que vários anjos já haviam saído do meio das explosões, surgiu um ser brilhante, sentado num grande trono que descia do céu.

No Recife, um acontecimento parecido tinha causado grande horror e confusão. Muitos céticos não compreendiam o que estava havendo. Alguns acidentes de trânsito ocorreram, as pessoas corriam de suas casas para avistar a cena mais incrível de todos os tempos. Ninguém nunca poderia imaginar algo como o que estava se passando. Os céus da capital pernambucana encheram-se de seres com aparência de anjos cantando glórias e anunciando a chegada de um ser, ao qual chamavam de “filho do homem”, com suas trombetas.

A princípio, cogitou-se que o evento ocorrera apenas em Recife, mas logo os jornais de todo o mundo começaram a noticiar a ocorrência de eventos similares, que podiam ser vistos em várias partes do globo. Logo criou-se a fantasia de que este era um só evento de alcance mundial. As hostes vindas dos céus desciam com brilho intenso e todos os seres que saíam das explosões pareciam anunciar um outro ser que tinha aparência mais grandiosa do que todos aqueles anjos. Este ser estava sentado num trono, que também saía das explosões, e possuía uma coroa em sua cabeça. O trono começou a descer e a se aproximar mais e mais da superfície da Terra. As pessoas observavam aquilo com um misto de pavor e reverência. Muitos se prostravam diante daquele ser que descia nas nuvens. Os que tinham passado sua vida inteira no descrédito, enchiam-se de temor pela cena que estava se passando. Os Ateus se questionavam: iria aquele que vinha em glória e poder castigá-los?

anjos para confortá-los no tempo do perigo. Os olhos do Senhor estão sobre Seu povo. As chamas da fornalha parecem prestes a consumi-los, mas o Refinador os apresentará como ouro provado no fogo.”
Por fim, uma preciosa advertência nos é dada por Ellen White: “Os que agora exercem pouca fé, correm maior perigo de cair sob os enganos de Satanás. E mesmo resistindo à prova, serão imersos numa aflição mais profunda, porque nunca adquiriram o hábito de confiar em Deus. Devemos provar agora as Suas promessas.”

Algum tempo depois do início das explosões, os primeiros anjos tocaram o chão. Da chácara em belo jardim, todos avistavam o desenrolar da cena mudos. Igor se encheu de alegria ao afirmar:

-“Eu nunca vi nada igual. Ele veio mesmo. Deus nos enviou seu livramento. Vamos voltar para nossas casas.”

Mas ninguém disse nada, apenas continuaram observando aquele homem descer do trono e caminhar suspenso no ar até pisar na terra. Foi então que o coração de Cândido se encheu de terror.

-“Pra dentro.” - ele gritou - “todos pra dentro.”

Neste exato momento, um vento forte começou a soprar. Todos correram assustados para o interior da casa.

Igor não entendia o que se passava. Aquele era para ser um momento de alegria, mas seus amigos corriam amedrontados para dentro de casa e fechavam todas as portas.

Satanás tocou seus pés no solo terreno, e, em várias outras partes do globo, seus anjos malignos imitavam a mesma cena com o intuito de levar a crer que o mesmo evento estava sendo visto por todas as pessoas ao redor do globo. Ele estava disfarçado de Cristo e queria aparentar onipresença. Quando o falso Cristo chegou à Terra, a primeira coisa que pronunciou foi:

-“Paz na terra aos homens de boa vontade. Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância. Convém que eu procure primeiro os líderes deste mundo, pois vim para restaurá-lo, depois irei visitar as cidades e aldeias e iniciarei a obra que prometi.”⁵

⁵ Mateus: 24:24-27: *“Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem.”*

Mateus 25:31 e 32: *“E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas (...).”*

Apocalipse 1:7: *“Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém.”*

Os textos acima relatam dois acontecimentos que devem ser estudados juntos para que possam ser compreendidos corretamente. O primeiro texto fala de uma tentativa de imitar a volta de Cristo. Os demais textos falam de como realmente se dará o retorno do Salvador, para que as pessoas possam distinguir a falsa aparição da verdadeira. Porém, Ellen White vai mais além, ao revelar que o próprio Satanás personificará o Cristo. Veja o que “O Grande Conflito”, edição condensada, página 353 tem a dizer sobre isso: *“Como ato culminante do grande drama do engano, o próprio Satanás personificará a Cristo. (...) Satanás se manifestará como um ser majestoso, de brilho deslumbrante, assemelhando-se à própria descrição do Filho de Deus em Apocalipse (Apocalipse 1:13 a 15).*

A glória que o cerca não é excedida por coisa alguma que os olhos mortais já tenham contemplado. Ressoa a exclamação de triunfo: ‘Cristo veio!’ O povo se prostra em adoração diante dele. Ergue ele as mãos e os abençoa. Sua voz é meiga e branda, cheia de melodia. Em tom compassivo apresenta ele algumas das mesmas verdades celestiais que o Salvador proferira. Cura as moléstias do povo e então, em seu pretense caráter de Cristo, alega ter mudado o sábado para o domingo. Declara que os que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando de seu nome.”

Quanto a este assunto, você precisa ter em mente algumas coisas importantes:

1. Quando Jesus voltar, todo olho o verá, ao mesmo tempo. Quando Satanás voltar, isso não ocorrerá, pois ele não tem o poder da onipresença.
2. Jesus voltará em poder e glória muito superiores à imitação de Satanás.
3. Cristo não tocará seus pés no chão, nem efetuará milagres. Satanás pisará nesta terra e fará muitos falsos sinais.

Obviamente que não nos foram dadas informações pormenorizadas sobre como Satanás desempenhará seu engano, porém, a Bíblia fala que ele será tão bem arquitetado, que se possível fosse, enganaria até os escolhidos. Por isso, podemos imaginar que Satanás protagonizará uma cena - dentro das limitações do

Houve um clima de adoração generalizado entre aqueles que foram enganados pela personificação que Satanás fizera da figura de Cristo. Porém, depois de seu grande show de fogos de artifícios e efeitos especiais, ele e suas hostes desapareceram dos olhares humanos.

Dentro do presídio Bom Pastor, havia uma sala grande, completamente fechada, sem janelas e sem iluminação. Na porta, apenas uma pequena abertura por onde se podia avistar o que acontecia no interior do recinto. Lá dentro, uma mulher suja e ferida estava deitada, com o olhar perdido. Dois homens se aproximaram e observaram pela pequena escotilha.

-“Não importa o que seja feito. Ela simplesmente não cede. Se continuarmos, podemos mata-la e ela não nos será mais útil.”

De dentro da sala, Cléia mantinha o semblante no nada. Como se seu corpo estivesse ali, mas seu espírito estivesse longe. Já tinha passado por todo tipo de sofrimento naquele lugar, mas não tinha medo da dor física. Sua angústia se materializava na horrenda possibilidade de não estar salva. De estar passando por todo aquele sofrimento e no dia em que Cristo voltasse, ela fosse negligenciada por Ele. Todos os seus pecados lhe vinham à mente agora e a paz de espírito que ela tanto almejava era simplesmente inexistente. Do lado de fora, o segundo homem perguntou ao primeiro:

-“Você disse que ela tem uma filha, certo? Onde ela está?”

-“Está num centro de recuperação de menores infratores, em Jabotão dos Guararapes.”

-“Transfiram ela para cá, e vamos fazer com que ela fale. O mestre tem lutado por todo mundo para restaurar esta terra, mas nós sabemos que ela nunca será restaurada enquanto estes demônios não forem dizimados. E isso inclui adolescentes e jovens.”

Depois de sua chegada, o falso Cristo fez uma cruzada com os principais líderes mundiais, pedindo a erradicação dos guardadores do sábado. Segundo sua teoria, o bem não proliferaria enquanto estivesse misturado com o mal, e o mal era representado por todos aqueles que se opunham à união das igrejas com o Estado.

Enquanto Satanás se reunia com a Organização das Nações Unidas, outros demônios, também disfarçados de Jesus, percorriam o mundo operando falsas curas aparentemente milagrosas e forjando ressurreições fraudulentas. A mídia proclamava a glória do falso “rei dos reis”, acreditando na sua pretensa onipotência.

Cerca de dois meses depois da chegada de Satanás e seus anjos, na forma de anjos de luz, o inimigo do povo de Deus instigou seus demônios a fazerem uma frente de visita aos líderes mundiais para convencê-los de que a única forma de melhorar o mundo seria retirando a proteção do governo aos adoradores do sábado, para que eles pudessem ser mortos por qualquer cidadão comum. Os reis e presidentes da terra não foram rápidos em atender o conselho daquele que havia descido nas nuvens. Desde que chegara, Satanás estava fazendo uma verdadeira revolução na terra, porém, ainda levaria algum tempo até que alcançasse seu anseio final.

Finalmente, em setembro de 2008 começaram os debates para a decretação de uma ordem para que todo aquele que se opusesse ao Estatuto das Nações fosse morto sumariamente, sem julgamento, pelas autoridades policiais. A notícia chegou às

inimigo de Deus - o mais parecida possível com o advento original. Porém, o engano recairá apenas sobre os ímpios, já que os diligentes estudiosos da bíblia saberão identificar os erros contidos na imperfeita imitação satânica.

dependências do centro de recuperação de menores, para terror de Nathália e Filipe. Agora eles sabiam que era uma questão de tempo até que fossem executados.⁶

Na chácara, era uma manhã de terça-feira, quando Gabriela acordou para orar com sua mãe. Na cozinha, Denisson e Matheus Gondim limpavam algumas poucas frutas colhidas do pomar. Gabi entrou na cozinha e disse que era necessário lavar os frutos, para que eles fossem realmente limpos. Pegou o abacate e colocou na pia, abrindo a torneira para deixar a água escorrer. Enquanto isso, ela conversava com os meninos sobre os últimos acontecimentos. Lá fora, os pais discutiam a possibilidade de se retirarem o mais breve possível daquele local. Depois que o decreto de morte começou a ser discutido, eles sabiam que não demoraria muito até que todos viessem procurar a chácara e descobrir que ali habitava um grupo separatista escondido. A reunião foi interrompida por um grito que veio da cozinha. Alguns correram para ver o que era. As mãos de Gabi estavam cobertas de sangue. Clere gritou:

-“Onde você se cortou? Como foi isso? Como foi isso?”

Gabi apontou para a torneira. Ela derramava uma água vermelha e caudalosa com um odor mal-cheiroso. Clere correu para fechar a torneira e foi limpar as mãos da filha. Denise Faria estava pálida quando diagnosticou o problema:

-“É a primeira praga. O mar se tornou como sangue. A água destes encanamentos pode ter sido afetada.”

-“Mas não pode ser” – interrompeu Juninho – “Deus prometeu que os verdadeiros seguidores de Cristo não seriam atingidos pelas pragas”.

Denise olhou para ele como se fosse óbvio o que estava acontecendo. Alguém no grupo não estava salvo. Alguém no grupo não era um cristão verdadeiro. Mas quem? Poderia ser qualquer um, inclusive mais de um. A confusão se instalou naquela pequena casa, enquanto alguns pais discutiam protegendo seus filhos. As maiores suspeitas recaíam sobre Denisson, Matheus Gondim e Gabi, que estavam na cozinha quando o fato aconteceu e o comportamento estranho que Denisson vinha apresentando não ajudava em nada a sua imagem no grupo. O fato de uma das pragas ter atingido a casa fez piorar ainda mais o clima de angústia que se alastrava na chácara. Como se não bastasse, não havia mais água potável e o abastecimento estocado estava terminando. Juninho fez uma reunião naquela noite para orarem a Deus e pedir que ele revelasse quem do grupo estaria fingindo ser cristão para que todos pudessem se ver livres da praga. Mas o tormento não era simples. Caso achassem o falso converso, o que fariam com ele, sabendo que ele era filho ou pai de alguém ali? Simplesmente o expulsariam da chácara? A reunião foi interrompida por Eg, que saíra do quarto onde a mãe estava, preocupada.

-“Mainha piorou. Ela não vai durar muito sem os remédios.”

A notícia veio tumultuar ainda mais o debate. Os pais discutiram a situação. A única maneira de conseguir os medicamentos era enviar algum dos adolescentes à cidade. Eles eram menores de idade e naquele lugar era natural que muitos menores não tivessem seus documentos. Assim, algum deles poderia adquirir o material sem ser pego. Porém, mesmo esta estratégia ainda era muito arriscada. A adolescente mais diretamente envolvida com a situação, era Luiza, filha de Eg e neta de Rute. Porém, ela era uma das mais novas integrantes do grupo e os pais concordaram

⁶ O Espírito de profecia fala que haverá um momento, perto do desfecho do grande conflito, em que será decretada a pena de morte para os cristãos verdadeiros, e será escolhido um período pelo qual eles deverão ser mortos. Sabemos que esta não será uma decisão tomada da noite para o dia. Ellen White fala que Satanás enviará seus anjos a visitarem os congressos e as autoridades governamentais incitando o ódio destes e da população contra os guardadores do sábado. Esta profecia será melhor estudada no último capítulo de nossa série.

que ela não saberia lidar com esta situação. Depois de muitas opiniões dadas, Juninho perguntou ao filho Matheus, se ele se prontificaria a ir até a cidade. Matheus sentiu um aperto no coração, mas disse que sim. A idéia foi discutida e ficou acordado que Juninho e Roger iriam acompanhá-lo na van até onde fosse possível. Roger e Eg agradeceram várias vezes a Matheus pela sua coragem.

Juninho, Matheus e Roger saíram por volta de sete horas da manhã, esperando encontrar a cidade ainda calma, nas primeiras horas do dia. No entanto, encontraram o lugar em grande movimento. O problema da água tinha atingido o encanamento das casas e deixado os moradores consternados. Muitas pessoas simplesmente não tinham água potável para beber.

Juninho parou a van na entrada da cidade e aconselhou Matheus a ir andando. Se chegassem juntos ao centro de Belo Jardim, certamente levantariam suspeitas sobre o porquê de dois adultos terem mandado um adolescente sem documentos comprar remédios, enquanto ficavam apenas sentados, esperando. Roger fez uma oração pela missão de Matheus e, em seguida, Juninho despediu o filho e passou a acompanhá-lo de longe. Ao chegarem à farmácia mais próxima, Juninho e Roger ficaram esperando a uns trezentos metros de distância, enquanto Matheus entrava no local.

Na farmácia, ele pediu algumas insulinas e remédios para diabetes e levou tudo até o caixa.

-“Documentos por favor.”

-“Eu não tenho moço, ainda não pude ir em Caruaru tirar.”

-“Então infelizmente não podemos vender, amiguinho. Temos que registrar para onde os produtos estão indo, para que o governo tenha uma idéia de como estão sendo usados.”

-“Moço, é que eu tenho uma pessoa doente em casa, com diabete, e ela não tem como vir aqui comprar isso. Tá de cama.”

O funcionário olhou para Matheus compadecido da situação dele, porém, receoso de abrir uma exceção:

-“Só se você pedir a esta senhora que compre registrado no documento dela.”

Mateus olhou para uma senhora de aparência terna ao seu lado. Esforçou-se por fazer uma expressão de quem precisava desesperadamente de seu favor. A senhora cedeu.

-“Mas trate de providenciar isso logo, meu filho” – recomendou ela – “você não vai ter sempre gente como eu disposta a ajudar.”

Na saída da farmácia, Matheus foi abordado pela senhora novamente.

-“Aqueles homens que estavam com você...”

-“Quem?”, indagou Matheus.

A mulher apontou para Juninho e Roger, que estavam dentro da van.

-“Aqueles ali. Eu vi você descer da van deles na entrada da cidade. Eles não tem nenhum documento?”

Mateus sentiu um frio percorrer sua espinha, mas antes que a anciã pudesse emendar mais uma pergunta, ele respondeu:

-“Não sei. Eu só peguei carona com eles.”

-“E o que eles estão fazendo parado ali, te esperando?”

-“Não sei. Eu só peguei carona com eles na vinda. Eles devem estar parados ali por causa de outra coisa. Alguma coisa deles. Tô indo, obrigado de novo.”

Matheus despediu-se antes que o interrogatório continuasse. Ele passou direto sem falar com Roger ou com Juninho. Eles ligaram o carro e seguiram na frente,

até a entrada da cidade, onde estariam esperando por Matheus. A senhora foi falar com alguns policiais. Vira a cena e estava desconfiada, porém, Juninho havia saído do local antes que os oficiais tivessem tempo de abordá-lo. Ele e Roger estavam visivelmente com medo. Alguma coisa não saía certa naquele meio tempo. Depois de cerca de dez minutos, avistaram o garoto vindo em direção à van, distante dela, ainda, cerca de quinhentos metros. Juninho e Roger respiraram aliviados. Porém, o alívio durou pouco. Logo uma viatura da polícia local alcançou Matheus e parou onde ele estava. Um dos policiais perguntou a ele:

-“Tá indo pra onde, moleque, quer uma carona?”

Matheus tentou se concentrar para responder da forma correta:

-“Eu moro logo aqui na saída da cidade, tenho outras coisas pra fazer.

Obrigado.”

Juninho e Roger tremeram ao ver que os policiais haviam abordado Matheus. Juninho queria ir até eles, mas Roger não deixou.

-“Vai ser pior” – disse ele – “Deus vai resolver. Vamo sair daqui que a gente tá dando bandeira”.

Roger e Juninho se distanciaram do veículo e entraram num beco próximo, onde podiam observar o que acontecia com Matheus. Ele passou direto pela van e prosseguiu o caminho sozinho, a pé. A viatura seguia Matheus de longe. O garoto não sabia o que fazer. Ficava olhando para os lados, para ver se avistava o pai, mas nenhum sinal. Quando olhava pra trás, de vez em quando, via que os policiais estavam sempre o acompanhando à distância. Matheus orou e prosseguiu seu caminho. Juninho e Roger voltaram para a Van e tentaram alcançar Matheus, porém, retrocederam ao observar que os policiais vigiavam, da viatura, todos os passos do adolescente.

O tempo começou a passar. Depois de meia hora, Roger chegou à conclusão de que a viatura não deixaria de acompanhar Matheus até que os policiais tivessem certeza de que ele não entraria novamente na Van que o levava até a cidade.

-“Juninho” – disse Roger – “você vai ter que seguir sozinho. Passe pela viatura e por Matheus e siga rápido pra casa. Me deixe aqui que eu o acompanho de longe até que a viatura vá embora e depois eu o levo pra casa.”

-“Como? Andando?”

-“Tem que ser. Se você ficar aqui é capaz de fazer alguma besteira. Confie em mim, eu não vou abandonar seu filho.”

Juninho não conseguia raciocinar direito o que fazer naquela situação e terminou por aceitar a sugestão de Roger. Depois que o amigo desceu do veículo, ele acelerou a van e passou rapidamente pela viatura da polícia, e, mais a frente pelo seu filho. As suspeitas de Roger pareciam ter se confirmado. Tão logo a van passou por Matheus, a viatura mudou sua rota e retornou à cidade. Roger saiu de dentro da mata, nos arredores da pista e alcançou Matheus. Os dois teriam agora uma longa caminhada, a pé, até a chácara.

Depois de quase quatro horas andando, eles finalmente chegaram à casa, trazendo os medicamentos de Rute. A van de Juninho já estava lá estacionada e o pai recebeu o filho com um abraço aliviado.

O que eles não sabiam era que Matheus e Roger haviam sido seguidos por um dos policiais da viatura, que ficara na pista, e vira Roger correndo para encontrar o garoto com os remédios. Aquele oficial tinha, agora, todas as desconfianças do mundo, pois estava vendo todas aquelas pessoas ali reunidas em volta de Matheus e a van do homem que supostamente havia dado apenas carona para ele, parada na casa.

O oficial apertou o botão do comunicador e chamou o colega do outro lado da linha:

-“São separatistas. Temos que vir aqui hoje à noite.”

Em seguida, se retirou do local sem ser percebido.

Durante o restante do dia, os acampantes da chácara escutaram, pelo rádio, notícias de perseguições e prisões de amigos seus. Os pais voltaram a discutir quando deveriam sair dali para lugares mais longínquos e inabitados. A idéia mais aceita era que deixassem a chácara no fim de semana, quando havia menos policiamento nas rodovias.

A noite caiu sem nenhuma novidade na rotina daqueles cristãos. Depois do culto da noite, o grupo foi comer a porção que havia para aquele jantar. Logo depois, cada um foi dar conta de seus afazeres. Na cozinha, algumas mães guardavam os pratos e talheres usados na refeição. Alguns adolescentes oravam com os pais em seus quartos, outros assistiam atentamente as notícias na televisão.

Por volta de vinte e uma horas, cinco policiais chegaram à chácara. Duas viaturas os haviam levado até um ponto em que tiveram que seguir a pé para não serem percebidos. Os policiais andavam furtivamente e pararam atrás de algumas árvores para discutir o que fariam:

-“Não podemos efetuar prisões sem saber se eles são mesmo separatistas. Você sabe que muita gente nesta região não tem documentos de identificação.”

-“E o que é que a gente veio fazer aqui, então?”

A conversa foi interrompida quando um deles avistou a porta da casa ser aberta. Jade, Rebeca e Jefferson saíram da casa e se sentaram numa pedra, a cerca de cinquenta metros da residência, para olhar o céu.

Os oficiais se entreolharam:

-“Vamos levar aqueles três. Eles virão atrás. Teremos tempo de pesquisar quem são.”

Os cinco se aproximaram do trio, por trás dos adolescentes e taparam as suas bocas com as mãos, para evitar gritos. Colocaram armas nos pescoços deles e começaram a leva-los embora para as viaturas escondidas.

Matheus Gondim saiu da cozinha, depois de ajudar a mãe a passar pano na mesa, e foi à procura de Jade. Conquanto não a achasse, foi até a janela e olhou para ver se ela estava do lado de fora da casa. Porém, a cena que viu foi três de seus amigos sendo arrastados por alguns policiais até sumirem na escuridão.

No momento em que percebeu o que estava acontecendo, ele se afastou, num arroubo, da janela, a ponto de esbarrar numa cadeira e derrubar alguns pratos que estavam em cima da mesa do centro. Tropeçou e caiu. Levantou-se depressa e correu para apagar as luzes. Algumas pessoas vieram para a sala para ver o que estava acontecendo. Matheus repetia assustado:

-“Pai, pai, levaram Jefferson e as meninas. Faz alguma coisa. Eles vão pegar a gente.”

Juninho e Roger correram até a janela e viram alguns vultos se movimentando.

-“Todos para o quarto do meio, agora!!!”, ordenou Roger, nitidamente nervoso.

Os pais começaram a levar seus filhos para o quarto que ficava no meio do corredor. Muitos começaram a chorar de medo, mas Roger pedia silêncio o tempo todo:

-“Apaguem todas as luzes e fiquem em silêncio”.

Winston voltou para a sala completamente transtornado.

-“Cadê minha filha?” – clamava ele – “eu vou atrás da minha filha.”

Roger puxou Winston pelo braço antes que ele abrisse a porta.

-“Ela se foi, Winston, ela se foi. Eles ainda podem estar aí fora.”

-“Não. Dá pra seguir eles com a van, me solta.”

Juninho segurou pela outra mão de Winston, pois ele tentava se soltar a qualquer custo. Jasson também correu para ajudá-lo, mas Winston gritava:

-“Não, ela não é filha de vocês. É minha. Eu não posso deixar ela ir. Ela não é filha de vocês.”

Zizi chorava amparada pelas amigas Denise Faria e Lêda. Os homens terminaram levando Winston para um quarto separado para tentar acalmá-lo. Roger pediu que as mães orassem com os adolescentes, e, principalmente, que fizessem o máximo de silêncio possível. O grupo estava na iminência de ver a casa da chácara invadida a qualquer momento - pelos mesmos policiais que levaram Jade, Rebeca e Jefferson, ou por outros que estivessem à espreita para atacá-los - por isso, precisavam orar.

O grupo ficou dividido em dois quartos: um com Winston e os pais, e o outro com os adolescentes e as mães. A expectativa era grande. Qualquer barulho estranho vindo de fora da casa assustava os acampantes. Porém, o tempo corria sem que nada acontecesse. Pelo que parecia, aqueles policiais realmente tinham ido embora.

Cerca de uma hora se passou sem que nada acontecesse. Winston estava começando a se acalmar, quando Roger abriu a porta do quarto onde estavam os adolescentes e disse:

-“Arrumem-se o mais depressa possível. Somente uma mochila por pessoa. Coloquem comida, uma muda de roupa, remédios, uma lanterna e água. Rápido. A gente tem que sair daqui.”

O medo tomou conta de todos na casa. Houve confusão e discussão sobre o que deveriam fazer. Chegaram ao consenso de que não havia muito a ser feito. Logo os policiais descobririam que os meninos pertenciam a um grupo de guardadores do sábado e viriam para buscar o resto do grupo. Qualquer investida no sentido de resgatar os meninos culminaria na prisão ou morte de todos. Precisavam sair dali imediatamente. Tinham certeza que, ao nascer do dia, outros policiais viriam ao seu encalço e a ordem seria de execução e não de prisão.

Começaram a correr e fazer preparativos para saírem. Os pais orientaram seus filhos para levarem o mínimo de coisa necessário. Teriam que seguir uma jornada a pé. Roger tinha a localização de um grupo de cristãos escondidos relativamente próximo. As luzes da casa permaneceram apagadas. Tudo estava sendo feito com a ajuda de lanternas. O medo de que ainda houvesse alguma autoridade escondida, esperando o momento exato para invadir a casa, era constante. Assim, as horas se passaram e o dia finalmente deu seus primeiros sinais de luz. Por volta de quatro e meia da madrugada todos estavam prontos para sair, embora estivessem muito cansados por conta da noite passada em claro.

Convencer Winston não havia sido fácil. Ele teimou em acusar os amigos de tratarem a prisão de sua filha com indiferença. Porém, mais tarde, conformou-se como o argumento de que a prisão de Rebeca e dos outros dois adolescentes estava além de qualquer providência que pudessem tomar, e que a volta de Cristo estava às portas. Ele tomaria conta de sua filha.

Roger estava num dos quartos terminando de fechar sua mochila, quando Eg entrou.

-“Roger”.

Eg fez uma pausa, como que quisesse dar tempo a si mesma para decidir se era aquilo mesmo que ela queria falar.

-“Eu não vou.”

Roger olhou para a esposa como se não acreditasse no absurdo que ouvia, mas ela continuou:

-“Mamãe não tem condições de sair daqui e enfrentar essa jornada. Teria que andar devagar demais. Vocês seriam pegos fácil, fácil. Eu não posso deixar ela sozinha com Cândido aqui.”

-“Eg, você sabe que aqui é morte certa para sua mãe e Cândido, e se você ficar, para você também.”

Eg se aproximou do marido e falou:

-“Isso está no fim, Roger. Se minha mãe vai ter suas últimas horas de vida hoje, eu quero estar com ela. Não haja como se Cristo fosse demorar a voltar. Isso está no fim. Não vamos ficar separados por muito tempo.”

-“Mas e se um de nós estiver perdido?” Roger concluiu a sentença como quem já estava perdendo as esperanças de um final feliz.

-“Então não adianta que eu vá com você, pois não veremos a luz de Deus no seu dia glorioso.”, respondeu Eg.

Roger abraçou a esposa e os dois permaneceram abraçados cerca de dois minutos. Depois, Eg pediu:

-“Não diga nada a Luiza até o momento de vocês irem embora.”

No despontar do sol. Todos estavam prontos na varanda se despedindo dos anfitriões. Enquanto isso, Roger e Juninho deram uma volta nos arredores da chácara para saber se estava tudo seguro para a partida do grupo.

Na hora de saírem, Eg deu o abraço mais apertado que conseguiu em sua filha e Roger a segurou pela mão para irem embora. Em seguida, a ordem de marcha foi dada e o grupo começou a se distanciar da casa em direção à mata.

Luiza viu que a mãe não estava caminhando com eles. Estava de pé ao lado de Rute e Cândido, ficando para trás.

-“Mãe, vem, mãe...vem.”, gritava a menina.

Roger segurou mais forte na mão da filha para que ela não tentasse se soltar.

-“Mãe....vem, mãe....vem.....vem.”

Eg chorava calada enquanto a filha se debatia nas mãos do pai para tentar buscar a mãe. Porém, lentamente o grupo se distanciava e avançava mais e mais mata adentro.

Quando a pequena caravana finalmente sumiu por dentro da floresta tropical que circulava a chácara, Cândido deixou Eg e Rute na varanda e entrou. Cerca de dois minutos depois, ele retornou com alguns pedaços grossos de madeira e vários pregos grandes.

-“Se eles estão vindo para cá” - disse ele - “precisamos proteger nossas provisões. Levem tudo que for de necessidade, principalmente nossa comida, para o quarto nos fundos.”

Ele começou a fechar as janelas e portas com madeira forte, para impedir a entrada dos policiais. Os móveis pesados era usados para barrar as passagens. Cândido estava fortificando a casa o máximo que podia para proteger sua casa e sua família. Eg disse que aquilo não iria impedir ninguém. Cândido respondeu que eles deviam fazer sua parte. Deus faria a dele. “Os policiais poderiam até entrar, mas teriam muita dificuldade”, pensava Cândido.

O tempo passava. Os três estavam sempre atentos para a chegada de viaturas ou mesmo de uma tropa a pé. Cada barulho a mais era um susto. O relógio corria e o medo aumentava. Orações eram feitas, mas a incerteza do que estava por vir, e de quando viria, fazia com que a angústia de Eg, Rute e Cândido só aumentasse.

Na hora do almoço, Eg estava sentada na varanda, olhando o horizonte, quando viu um vulto por trás de uma árvore próxima. Ela levantou-se num salto e se afastou de costas, esbarrando numa das pilastras da varanda. O que seria aquilo? Um policial? Um animal qualquer? Ela só sabia que havia algo escondido atrás da árvore. “Eles estão aqui!!!”, pensou consigo mesma. Mas a visão que veria a seguir era mais perturbadora do que simplesmente alguns policiais vindo ao seu encalço. Quando o vulto começou a sair de trás da árvore, Eg começou a tremer e a perder a força para fazer qualquer movimento mais brusco. Ali, de pé, andando a passos lentos em sua direção estava seu filho Lucas, ou algo parecido com ele, aparentemente vivo e em pessoa. Eg caiu sentada com as pernas fracas enquanto Lucas se aproximava. Ao ver que aquele ser vinha em sua direção, Eg teve coragem de perguntar.

-“O que é você?”

-“Mãe, tenha calma.”

O tom de voz estava um pouco diferente, mas ainda assim Eg conseguiu reconhecer que era uma voz parecidíssima com a de seu filho.

-“Muita coisa tem acontecido ultimamente” – disse aquele ser – “você não deve se surpreender comigo.”

Eg não podia acreditar que seu filho houvesse ressuscitado, mas ele estava ali, na sua frente.

O ser continuou seu discurso:

-“Deus me devolveu a esta terra para ajudar você, mãe. Você tem sido enganada por muito tempo, precisa esquecer essa vida e viver em novidade de vida. Jesus já voltou, mãe, e você precisa aceitar as mudanças.”⁷

Eg estava ali parada, maravilhada com a cena que se desenrolava diante de seus olhos.

-“Me toque e veja que eu sou real, mãe.”, pediu o ser.

Eg começou a estender a mão para alcançar aquele que ela estava começando a crer ser seu filho. Lucas também estendeu a mão e começou a se aproximar de Eg. Neste momento, Rute saiu eufórica pela varanda e gritou:

-“Eg, entra agora. Sai daí, você sabe o que é isso, não é seu filho. Entra agora, Eg.”

-“Vó, não faz isso, só.”, pedia o ser.

Eg olhou para Lucas, levantou-se num salto e correu em direção à mãe a tempo de ambas fecharem a porta.”

-“O inimigo está tentando nos enganar.”, constatou Rute.

Cândido correu e fechou as outras portas da casa rapidamente. Eg tremia e estava sem fôlego. Ela olhou pelas poucas janelas ainda abertas e viu que Lucas estava circulando a casa e chamando a mãe para conversarem. Cândido chamou as duas para

⁷ A cena que estamos imaginando neste parágrafo não é fácil de digerir. É bem verdade que não há indícios bíblicos de que Deus fará ressurreições esparsas no período da angústia de Jacó, também é verdade que Satanás não possui o poder para fazer alguém ressuscitar dos mortos. Porém, não podemos esquecer que estamos lidando com o mestre dos enganos. A bíblia fala que os falsos Cristos operariam milagres sobrenaturais estrondosos que, se possível, enganariam até mesmo os escolhidos. Não é difícil crer, neste contexto, que o Diabo pode tentar forjar uma falsa ressurreição para tentar enganar alguém, porém, não nos é dado detalhes profundos sobre o que o inimigo de Deus fará nesta época. A cena acima fica a cargo apenas de nossa imaginação. Vamos ver o que Ellen White descreve, mais uma vez no “O Grande Conflito”, edição condensada, página 353: “*Terríveis cenas de caráter sobrenatural logo se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demônios. Espíritos diabólicos sairão aos “reis da Terra”, e a todo o mundo, insistindo que todos se unam a Satanás em sua última batalha contra o governo do Céu. Levantar-se-ão pessoas pretendendo ser o próprio Cristo. Efetuarão milagres de cura, afirmando ter recebido do Céu revelações que contradizem o testemunho das escrituras.*”

orarem pela proteção de Deus. Lucas continuou a rodear a casa, procurando por alguma porta aberta. Eg podia escutar os passos no assoalho de madeira. Ouvia aquele ser chamando seu nome. Ao final da oração Eg disse:

-“Não pode ser, é muito real.”

-“Cândido, abra a porta.”, pediu Rute.

-“O que?”

Cândido não podia acreditar no que a esposa estava dizendo.

-“Deus protege esta casa. Se isso não for de Deus, não vai conseguir entrar.

Abra a porta.”

Cândido levantou-se e abriu a porta da frente. Lucas estava em pé na varanda. Ele começou a andar lentamente em direção a porta aberta. Eg e Rute tremiam abraçadas, até que aquele ser parou a cerca de dois metros da porta. Em seguida, distanciou-se novamente, deu algumas voltas pela casa, tentou entrar, mas não se aproximou menos de dois metros da porta. Depois de cerca de vinte minutos de tentativas frustradas, ele deu a volta e desapareceu na vegetação. Eg abraçou a mãe chorando, dizendo que não aguentava mais. Mas a mãe lhe pediu forças. A provação maior ainda estava por vir.

Era perto de quatro horas da tarde quando os três últimos habitantes da casa na chácara avistaram as viaturas policiais se aproximando do local. Eram seis carros ao todo, todos cheios com homens fortemente armados. Cândido correu e selou com tábuas a porta da frente. Em seguida, os três correram para o quarto dos fundos. Cada porta trancada era rapidamente selada com madeira e pregos. Os três sentaram-se no chão, juntos, para aguardar o desenrolar dos próximos minutos.

Primeiro, perceberam que o motor dos carros havia parado, sinal de que as viaturas já haviam chegado à frente da casa. Depois, ouviram os passos rápidos e as vozes dos policiais ordenando que abrissem as portas, porém, não houve resposta. Cândido abraçava Rute e Eg enquanto eles esperavam pela invasão. Nova ordem foi dada e novo silêncio se seguiu. Em consequente, os três perceberam que a porta estava sendo arrombada. Pouco tempo e alguns tiros depois, ouviram os primeiros passos dentro da casa.

-“Revirem tudo” – ordenou um dos policiais – “eles têm que estar em algum lugar.”

Os policiais caminhavam pela casa, bravos, derrubando, atirando e quebrando tudo o que viam. Eg e Rute escutavam os tiros, as vozes e o som dos objetos caindo, com muito medo. Cândido começou a orar. No meio da oração eles sentiram que os policiais haviam chegado até a porta do quatinho onde os três estavam escondidos e já haviam começado a tentar arrombar a porta. As orações se intensificaram. Todos sabiam que não demoraria muito para que os policiais conseguissem entrar no recinto e, quando entrassem, provavelmente matariam a todos. As tentativas de arrombamento estavam cada vez mais violentas.

-“Eles estão aqui, eles estão aqui”, gritavam os guardas.

Eles batiam na porta, chutavam e esmurravam, mas não conseguiam abri-la. Cansados, começaram a atirar nela. Cândido começou a contar o tempo até que eles fossem pegos pelas autoridades enfurecidas. Porém, dez minutos se passaram e os policiais não conseguiram entrar no quarto. Houve um minuto de silêncio e eles puderam escutar o diálogo travado do lado de fora do quarto.

-“Essas paredes são de madeira, a gente vai entrar aqui de qualquer jeito, e vai ser no tiro. Vai todo mundo morrer antes que a gente entre.”

Todos os policiais ativaram seus gatilhos e, ao comando do delegado, começaram a atirar contra a porta e as paredes do quarto. Tiros eram dados por todos os

lados, pedaços de madeira voavam e a proteção da porta começou a ceder. As madeiras que a seguravam caíram, mas não importava o quanto os policiais forçassem a entrada, eles não conseguiam abri-la o suficiente para dar passagem a uma pessoa. O tempo se passava e o barulho de tiros era intenso, mas ninguém penetrava o quartinho onde os três se encontravam. Quando abriu os olhos, Eg podia ver as marcas das balas pelas paredes e pelo chão. Foi neste momento que a visão de Rute se abriu e ela pode ver o que impermeabilizava o local onde se escondiam. Ela viu um brilho intenso, e, quando seus olhos se acostumaram à claridade, ela pode contemplar cerca de quinze anjos que circulavam as paredes do quarto, por dentro, impedindo a passagem dos policiais e detendo as balas que ultrapassavam a madeira. Deus permitiu apenas a Rute o contemplar aquela cena tremenda. Ela ficou paralisada, maravilhada com o que via.

Depois de quase uma hora de tentativas, o ambiente começou a ficar silencioso. Cândido percebeu que os passos dos policiais foram se distanciando. Depois, ouviu os motores dos carros sendo ligados e as viaturas se afastarem da casa. Silêncio.

Cerca de meia hora depois do silêncio, Rute teve coragem de se levantar e caminhar até a porta. Apoiou-se no ombro do marido e ficou de pé. Seus passos eram lentos, por conta de sua saúde debilitada. Ao chegar à porta, ela segurou a maçaneta vagarosamente e teve o cuidado de acariciar a parede de madeira do quarto, como que para sentir se os anjos que os haviam protegido ainda estariam ali. Em seguida, sozinha, abriu a porta e observou a casa completamente destruída, com suas paredes todas cheias de marcas de tiro e com a mobília completamente despedaçada. Ela caminhou pelo corredor até a sala e abriu cuidadosamente a porta que dava para a varanda. Em seguida, olhou para o céu, a tempo de ser maravilhada com o sinal da providência Divina: pode observar os anjos que os haviam protegido, voando ao longe, no horizonte, se distanciando para socorrer outros cristãos.

Cândido e Eg se aproximaram e Rute disse:

-“Deus me deu a oportunidade de ser abençoada com a visão mais extraordinária que o mundo já presenciou, no fim da minha vida.”

O que Rute não imaginava era que aquele não era o fim de sua vida e que as visões que se seguiriam superariam em muito àquela do vôo dos anjos. Aquele pequeno exército de soldados celestiais voou até sumir da vista de Rute. Mais adiante, passou por um grupo de adolescentes e pais que caminhava sob o sol pernambucano, pela floresta de Belo Jardim e seguiu seu rumo.⁸

Com o cair da noite, o grupo de cristãos furtivos parou exausto para descansar.

-“Vamos dormir por um tempo, daqui a 6 horas seguiremos viagem.”, determinou Roger.

Já era cerca de dez horas da noite. O grupo escolheu Igor e Denisson para ficarem de guarda. Já que eles haviam brigado por conta da bíblia escondida, talvez aquela fosse uma boa oportunidade para que conversassem e se entendessem. Pelo menos foi nisso o que pensaram os pais. Mas Denisson simplesmente não falava nada.

⁸ Salmo 34:7: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra.”

“O Grande Conflito”, edição condensada, página 356: “Anjos estão estacionados ao redor daqueles que guardaram a palavra da paciência de Cristo. Eles testemunharam sua angústia e ouviram suas orações. Esperam a palavra de ordem do seu Comandante para os arrancar do perigo.”

“Primeiros Escritos”, Ellen White (citado ao “Preciosidades, Uma Suma Teológica), página 268: “Haverá tentativas para matar os servos de Deus, mas anjos sob a forma de homens de guerra’ lutarão por eles.”

Norman R. Gulley, na Lição da Escola Sabatina – professor – 3º trimestre de 1996: “Durante as últimas horas deste planeta pecaminoso, iremos vê-los (os anjos) ministrando em nosso favor e unindo suas vozes com as nossas na oposição aos instrumentos satânicos.”

Ficou sentado, afastado de Igor, parado, observando os arredores, até que caiu no sono. Acordou por volta de uma hora da madrugada, assustado. Olhou em volta, procurou nos arredores e seus temores se confirmaram. Ele terminou por acordar Roger para anunciar que o pior acontecera: Igor sumira. Não estava em lugar nenhum. Simplesmente sumira. Ele e Roger começaram a procurar pelo jovem, mas não importava o quanto chamassem ou procurassem, não havia sinal dele.

No centro, Filipe foi acordado por um policial que tocou seu ombro. Assustado, ele afastou-se para perto da parede do seu quarto, mas o policial deu a ordem:

-“Venha comigo”, e o puxou pelo braço.

Filipe estava em pânico, ele cria que agora era o seu fim, já que a sentença de morte aos sabatistas tinha sido decretada. Mas o policial o conduziu pelos corredores - estranhamente vazios - do centro, passando pelas portas abertas até chegar ao lado de fora do local, onde Nathália e sua mãe o aguardavam.⁹

Texto por Ângelo Bernardes - todos os direitos reservados
Licenciado pela Creative Commons 3.0 BR
Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a obras derivadas 3.0
Divulgado e apoiado por PortalJA – www.portalja.com.br
Maiores informações portalja@portalja.com.br

⁹ “O Grande Conflito”, edição condensada, página 357: “*Em todos os tempos os seres celestiais têm tomado parte ativa nos negócios humanos. Têm aceitado a hospitalidade dos lares humanos, agido como guias aos viajantes surpreendidos pela noite, aberto as portas das prisões e libertado os servos do Senhor.*”